TCC

CURSO DE DESIGN | 2023/2

Uma reinterpretação de “Onde vivem os Monstros” e representatividade para crianças, por meio do Design Editorial.

ALUNO: RODRIGO ARAÚJO

ORIENTADORA: CRISTIANE ALCÂNTARA

PROBLEMA PROJETUAL. 03
1.1. A evolução narrativa e a necessidade da leitura no campo infantil. 04
1.2. Um olhar para o design Industrial 10

TEMÁTICA. 12
2.1. Temática central e campo minoritário escolhido. 13
2.1.1. A revolta de Stonewall 14
2.1.2. Movimentos que abordam a temática escolhida. 15
2.2. Para o projeto de design editorial

ANÁLISE. 18
3.1. Análise de similares. 19
3.1.1. My shadow is pink (Minha sombra é cor de rosa) 19
3.1.2. The courage to be truly free (A coragem para ser verdadeiramente livre) 20
3.2. Análise de referencial visual 21

PÚBLICO ALVO 24
CONTEÚDO E MENSAGEM 27
5.1. Conceito 28
5.2. Reescrevendo a história 28
5.3. Moodboard 30
5.4. Estilo de ilustração 32

EXPERIMENTAÇÃO 32
6.1. Tipografia 33
6.2. Idealização das Ilustrações por ato 33
6.2.1. Primeiro ato 35
6.2.2. Segundo Ato 35
6.2.3. Terceiro Ato 37
6.3. Formato para o livro e grid 38
6.4. Concepção da capa 39

VERIFICAÇÃO 40
7.1. Briefing de pesquisa. 40
7.2. Definição de objetivos. 40
7.3. Planejamento da pesquisa. 41
7.4. Documentação e comunicação de resultados. 42
7.5. Análise de dados 42
7.5.1. Sobre o Valor do livro para o aprendizado de crianças de 5 a 13 anos. 43
7.5.2. Sobre a legibilidade do texto 43
7.5.3. Sobre o tema 43
7.5.4. Sobre as imagens 43
7.6. Próximos passos: 43

LIVRO PRONTO 43
8.1. Link de mock-up digital 44
8.2. Fotos do Mock-up físico 44

CONSIDERAÇÕES INFORMAIS 45
BIBLIOGRAFIA 47

1. PROBLEMA PROJETUAL

O presente projeto tem como objetivo a criação de um livro impresso direcionado ao público infantil, com o intuito de reestruturar e adaptar obras literárias clássicas do século 20. Essa iniciativa será embasada nos princípios do design editorial, buscando oferecer uma abordagem mais contemporânea e direcionada. O enfoque principal reside em atender ao público que faz parte de segmentos minoritários, proporcionando-lhes uma experiência de leitura inclusiva e representativa. O propósito subjacente a essa empreitada consiste em proporcionar às crianças provenientes de diversas origens uma vivência de leitura que seja não apenas culturalmente relevante, mas também signiö cativa. Ao re contextualizar esses clássicos por meio de abordagens de design inovadoras, almeja-se promover uma identiö cação mais profunda e um envolvimento mais forte por parte das crianças. A ideia é que elas possam se conectar com narrativas que espelham sua própria diversidade e experiências de vida de maneira autêntica e envolvente.

1.1. A evolução narrativa e a necessidade da leitura no campo infantil.

Desde o século 20, histórias infantis têm desempenhado um papel crucial no desenvolvimento e na compreensão da criança sobre si mesma. Esse ponto é especialmente discernível em obras literárias como "O Pequeno Príncipe" de Antoine de Saint-Exupéry (1943), que por meio de sua narrativa ilustra uma jornada interna e promove uma reflexão sobre as relações interpessoais, incentivando a curiosidade ao provocar questionamentos profundos sobre a existência e o propósito. Com a ênfase na valorização das pequenas coisas, ela também inculca lições de aceitação da diversidade e oferece orientação para lidar com uma ampla gama de emoções. Essa perspectiva se alinha com outra obra desse mesmo período, "Onde Vivem os Monstros" de Maurice Sendak (1963), onde explora as percepções emocionais do personagem central, delineando sua assimilação e manejo desses sentimentos. Levando em considerações as obras apresentadas e algumas outras pertinentes desse mesmo momento, vê-se extremamente plausível a fala de Bruno Bettelheim:

> “ Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.”
> **(BETTELHEIM, 1976, p. 5)**

Inicialmente, é preciso recuar no tempo para discernir a evolução do processo comunicativo entre seres humanos até alcançar a forma reconhecida hoje. Conforme as palavras de Dondis (1997, p.02), "A linguagem é, essencialmente, um meio de comunicação intrínseco ao ser humano, que evoluiu desde sua forma auditiva, pura e primitiva, até a habilidade de leitura e escrita". Embora o termo "linguagem" seja frequentemente associado à modalidade verbal de comunicação, atrelada ao surgimento da escrita, sua amplitude adquire maior significado quando examinada em uma perspectiva mais abrangente. Englobando tanto formas verbais quanto não verbais de se comunicar e contar histórias. Conforme exemplificado por Katzenstein em sua obra intitulada "A Evolução da Linguagem", antecedendo o advento da linguagem escrita, outras modalidades de comunicação se faziam presentes.

> " Muito antes do homem ser capaz de falar e escrever, ele comunicava suas experiências interiores, pensamentos e sentimentos por meio de um grande número de elementos não-verbais, de um complexo de gestos — movimentos de todo o corpo ou suas partes —, por meio do olhar, do silêncio. Ainda hoje usa esta forma para se comunicar; quase tudo que faz, consciente ou inconscientemente, expressa pensamentos e sentimentos; podemos chamá-la de 'linguagem' e substitui e comunica tão bem ou até melhor do que as palavras. " **(KATZENSTEIN, 1986, p. 09).**

Segundo Lins (2003, p. 17), "Com o passar do tempo, a humanidade começou a sentir a necessidade de registrar e perpetuar suas percepções do mundo, bem como de expressar-se artisticamente. Consequentemente, surgiram representações visuais dessas percepções nas paredes de cavernas, por meio de desenhos e hieróglifos." A partir desse ponto, a linguagem se estabeleceu como uma ferramenta abrangente para a conservação de costumes e conhecimentos, utilizando muitas vezes o desenho para isso. Malba Tahan (1966, p. 24) igualmente realça essa dinâmica, afirmando: "[...] até os tempos atuais, sejam povos civilizados ou não, a história tem servido como meio de perpetuar verdades atemporais, bem como de preservar tradições e difundir ideias inovadoras". A análise desse fenômeno revela que, desde tempos pré-históricos, as narrativas se transmitiram em diversas formas, sendo a artística a que mais perdurou, mantendo a intenção primordial de comunicação e conhecimento. Tal conquista subsiste como uma prática ancestral, conservada até os dias contemporâneos.

O estabelecimento dessa prática da contação de histórias como uma forma primordial de disseminar informações se entrelaça profundamente com a evolução da sociedade humana. À medida que o tempo avançou, a escrita emergiu como a principal modalidade de comunicação, conferindo às imagens

uma função mais estética, muitas vezes usadas como elementos decorativos. Como exemplificado notavelmente na Bíblia de Gutenberg, uma obra magistral concebida por Johannes Gutenberg (1450). Entretanto, no século XVII, a imagem volta a assumir um papel de destaque como um complemento visual de relevância ímpar, no passo que passou a ser empregada de maneira persistente em obras literárias especialmente voltadas para o público infantil, como em 'Orbis Sensualium Pictus', escrito por Jan Amos Komensky (1658). Essa interdependência entre imagens e escrita é ressaltada pelo trabalho conjunto de Perry Nodelman e Mavis Reimer em 'The pleasures of children's literature', que salienta um envolvimento ativo por parte dos leitores para compreender as histórias contadas (298). Assim, a rica sinergia entre esses dois modos de expressão consolidou-se como um tributo à evolução da comunicação, enriquecendo a compreensão do mundo e perpetuando a herança da narrativa em todas as suas nuances.

É premente realçar que a contemporânea concepção da infância é produto de um processo evolutivo gradual. Na sociedade medieval, segundo o apontamento de Ariès (1981, p. 156), a infância não era demarcada da mesma forma que hoje. À medida que conquistava independência em relação à figura materna e se incorporava ao círculo adulto, a criança compartilhava atividades e espaços, dispensando a ênfase na educação formal. Não obstante, entre os séculos XVII e XX, onde marcou o advento de uma mentalidade que conferia apreço à educação infantil, abrindo espaço à noção de que a preparação da criança para a vida adulta deveria ser realizada de maneira suave e protetiva. Conforme Ariès (1981) argumenta "[...] nossa civilização presente, ancorada na educação formal, [está] então firmemente consolidada" (p. 233). Este avanço converge com a perspectiva de Jean Piaget, apresentada no livro "A Equilibração das Estruturas Cognitivas: problema central do desenvolvimento" que percebe a importância da atenção e da colaboração nos estágios iniciais da infância, onde o aprendizado entrelaça-se aos princípios de adaptação, assimilação e acomodação, por meio da absorção de informações provenientes do ambiente circundante.

Considerando Piaget, é essencial garantir acesso à informação e representatividade desde a infância, pois os livros atuam como veículos instrutivos e estimulam a criatividade infantil. Como defendido por Nelly Novaes Coelho em “O Leitor Incomum: Práticas de Leitura” (1991, p. 5), a promoção de uma mentalidade nova vai além do prazer, ocorrendo mediante narrativas imaginativas – histórias, mitos, teatro – que moldam a perspectiva da criança. Essa abordagem visa a uma educação completa e humanista, além de ajudar a moldar a identidade individual. Bettelheim, em “Psicanálise dos Contos de Fadas” (1976, p. 12), amplia essa visão, argumentando que, enquanto proporciona entretenimento à criança, o conto de fadas também a provê de autoconhecimento, impulsionando o desenvolvimento de sua personalidade. Além disso, no livro “Leitura e Mediação Pedagógica” (2012), Souza e Serafim elucidam que, mesmo sem domínio alfabético, a criança é capaz de compreender a narrativa ao escutar o texto, decifrar imagens e interpretar o contexto. Tal fenômeno ressalta a crescente necessidade de abordar delicadas temáticas de maneira lúdica, enquanto a figura adulta assume um papel mediador de importância ímpar.

> “Ao longo de sua evolução histórica, o livro ilustrado infantil conheceu grandes inovações. A imagem foi gradativamente conquistando um espaço determinante. Hoje, ela revela sua exuberância pela multiplicação dos estilos e pela diversidade das técnicas utilizadas. Os ilustradores exploram ao máximo as possibilidades de produzir sentido.”
> **(LINDEN, 2011, p. 8)**

Dessa forma, passa-se a observar, conforme a perspectiva de Lins (2003, p. 31), a imagem assume o papel de complementar e enriquecer a narrativa presente no texto escrito. Quando ambas coexistem, texto e imagem proporcionam ao leitor a capacidade de forjar a sua própria narrativa. No âmbito do livro infantil, alguns autores têm se empenhado em estabelecer a sua delimitação e relevância no contexto da obra.

Linden (2011, p. 120-121) delineia três distintas relações entre o texto e a imagem no contexto da literatura ilustrada: a redundância, onde ambas as formas de expressão convergem, apontando para a mesma narrativa e compartilhando personagens, ações e eventos, embora com possibilidade de adicionar detalhes complementares; a colaboração, que procura uma sinergia entre ambas as linguagens, aproveitando suas forças e fraquezas individuais para criar um significado que não reside puramente no texto ou na imagem, mas sim na interação entre elas; e, por último, a disjunção, na qual texto e imagem podem entrar em contradição direta ou simplesmente não se relacionarem.

Considerando Piaget, é essencial garantir acesso à informação e representatividade desde a infância, pois os livros atuam como veículos instrutivos e estimulam a criatividade infantil. Como defendido por Nelly Novaes Coelho em “O Leitor Incomum: Práticas de Leitura” (1991, p. 5), a promoção de uma mentalidade nova vai além do prazer, ocorrendo mediante narrativas imaginativas – histórias, mitos, teatro – que moldam a perspectiva da criança. Essa abordagem visa a uma educação completa e humanista, além de ajudar a moldar a identidade individual. Bettelheim, em “Psicanálise dos Contos de Fadas” (1976, p. 12), amplia essa visão, argumentando que, enquanto proporciona entretenimento à criança, o conto de fadas também a provê de autoconhecimento, impulsionando o desenvolvimento de sua personalidade. Além disso, no livro “Leitura e Mediação Pedagógica” (2012), Souza e Serafim elucidam que, mesmo sem domínio alfabético, a criança é capaz de compreender a narrativa ao escutar o texto, decifrar imagens e interpretar o contexto. Tal fenômeno ressalta a crescente necessidade de abordar delicadas temáticas de maneira lúdica, enquanto a figura adulta assume um papel mediador de importância ímpar.

Dessa forma passa-se a observar Conforme a perspectiva de Lins (2003, p.31), a imagem assume o papel de complementar e enriquecer a narrativa presente no texto escrito. Quando ambas coexistem, texto e imagem proporcionam ao leitor a capacidade de forjar a sua própria narrativa. No âmbito do livro infantil, alguns autores têm se empenhado em estabelecer a sua delimitação e relevância no contexto da obra.

Linden (2011, p.120-121) delineia três distintas relações entre o texto e a imagem no contexto da literatura ilustrada: a redundância, onde ambas as formas de expressão convergem, apontando para a mesma narrativa e compartilhando personagens, ações e eventos, embora com possibilidade de adicionar detalhes complementares; a colaboração, que procura uma sinergia entre ambas as linguagens, aproveitando suas forças e fraquezas individuais para criar um significado que não reside puramente no texto ou na imagem, mas sim na interação entre elas; e, por último, a disjunção, na qual texto e imagem podem entrar em contradição direta ou simplesmente não possuir nenhum ponto de

convergência, permitindo uma exploração mais desafiadora e, por vezes, provocativa da narrativa visual e textual.

Gregersen (citado por NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p.21) propõe uma categorização dos livros infantis que abrange quatro classificações distintas. Em primeiro lugar, temos os “livros demonstrativos”, que se caracterizam por serem dicionários pictóricos desprovidos de narrativa, enfocando-se exclusivamente na exposição de imagens. Segue-se a categoria “narrativa pictórica”, na qual a narrativa é praticamente inexistente ou limitada a um número ínfimo de palavras, conferindo primazia à dimensão visual. Por contraste, o “livro ilustrado” se distingue por sua igualdade de ênfase entre o texto e a imagem, com ambos elementos desempenhando papéis cruciais na compreensão da história. Por fim, o “livro com ilustração” é caracterizado pelo fato de o texto existir de maneira independente da imagem, sendo o principal condutor da narrativa.

Já Linden (2011, p.24-25) oferece uma taxonomia mais abrangente e multifacetada dos livros infantis, englobando diversas categorias. No âmbito desta classificação, encontramos o “livro com ilustração”, no qual o texto assume primazia e sustenta a narrativa, seguido pelas “primeiras leituras”, representando um ponto intermediário entre o livro ilustrado e o romance em termos de complexidade narrativa. O “livro ilustrado” é identificado como uma categoria na qual a narrativa é construída de maneira conjunta entre texto e imagens. A categoria “história em quadrinhos” se caracteriza pela organização compartimentada das páginas. Por sua vez, os “livros pop-up” proporcionam mobilidade aos elementos nas páginas, frequentemente exibindo desdobramentos em três dimensões. Os “livros-brinquedo” se destacam por serem objetos híbridos que podem conter elementos tridimensionais, como películas e figuras de borracha. Por fim, os “livros interativos” transcendem a tradicional definição de livro, sendo compostos por uma variedade de elementos, como figuras pontiagudas, colagens e outras formas de atividades lúdicas.

Por fim, é necessário também o conhecimento sobre como funciona a diagramação em um livro infantil. Linden (2011, p.68-70) delineia quatro abordagens de diagramação presentes nos livros ilustrados:

dissociação, associação, compartimentação e conjunção. Na dissociação, a alternância entre páginas de texto e imagens é evidente, frequentemente com as ilustrações ocupando a página direita, onde o leitor naturalmente inicia a leitura. A associação é comum, caracterizando-se pela presença de elementos verbais e visuais na mesma página, muitas vezes com a imagem dominando o espaço e o texto posicionado acima, abaixo ou em áreas com menos detalhes visuais. A compartimentação é aplicada a imagens sequenciais emolduradas, com o texto próximo aos quadros ou em balões de fala. Por fim, a conjunção integra palavra e imagem em uma composição única, onde os enunciados entrelaçam-se com a imagem, formando uma narrativa visual e textual inseparável.

> "Livro: um suporte portátil que consiste de uma série de páginas impressas e encadernadas que preserva, anuncia, expõe e transmite conhecimento ao público, ao longo do tempo e do espaço."
> **(HASLAM, 2007, p.10)**

1.2. Um olhar para o design Industrial

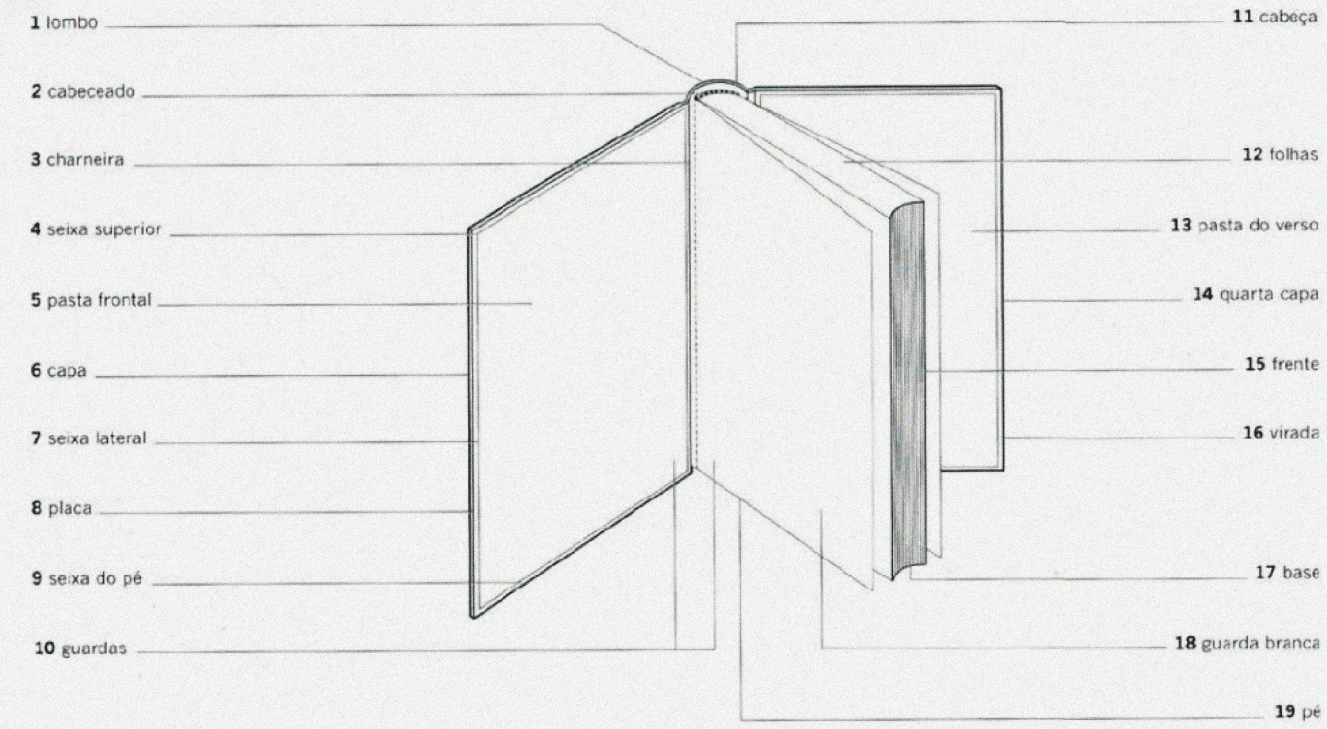
Os primeiros instantes ao iniciar a leitura de um texto podem ser determinantes para nossa decisão de continuar ou não com a leitura. A disposição dos elementos textuais influencia diretamente na nossa percepção da informação e na decisão de engajar-se com o conteúdo. O design editorial descreve precisamente o papel de organizar esses elementos, estabelecendo uma coerência entre forma e conteúdo.

O livro impresso tem sido um dos meios mais poderosos para a disseminação de ideias e molda o desenvolvimento intelectual, cultural e econômico da humanidade. A magnitude dessa influência pode ser avaliada ao considerar alguns exemplos emblemáticos, como a Bíblia, o Corão, o Manifesto Comunista, as Citações do Presidente Mao Zedong (o famoso Pequeno Livro Vermelho de Mao) e o Mein Kampf (Minha Luta) de Hitler. Embora seja impossível quantificar a influência coletiva, e acervo histórico desses livros na vida de milhões de pessoas ao longo da história, é evidente que eles estabeleceram muitos dos fundamentos religiosos e políticos do mundo moderno. Uma lista semelhante poderia ser elaborada com obras que serviram de alicerce para a medicina, ciência, psicologia, literatura, teatro e outras disciplinas intelectuais. Tais obras são reconhecidas globalmente, sendo que suas ideias e autores podem ser tanto idolatrados quanto criticados. No entanto, sem o trabalho dos profissionais frequentemente esquecidos, os

designers e impressores de livros, a influência das ideias contidas nessas obras seria sido efêmera.

As diversas componentes que integram um livro possuem terminologias específicas amplamente utilizadas na indústria editorial. O domínio desses termos fundamentais auxilia aqueles que atuam nesse campo a compreender de forma mais abrangente os aspectos discutidos nos próximos capítulos. Outros termos serão apresentados à medida que forem sendo explorados os detalhes do processo de design.

Geralmente, os livros são projetados em três formatos



HASLAM, 2010

principais: retrato, caracterizado por uma altura de página maior que a largura; paisagem, onde a altura da página é menor que a largura; e quadrado. Embora um livro possa assumir virtualmente qualquer formato e tamanho, é crucial uma consideração cuidadosa para garantir que o formato escolhido seja conveniente para a leitura e manuseio, além de ser economicamente viável.

2. TEMÁTICA

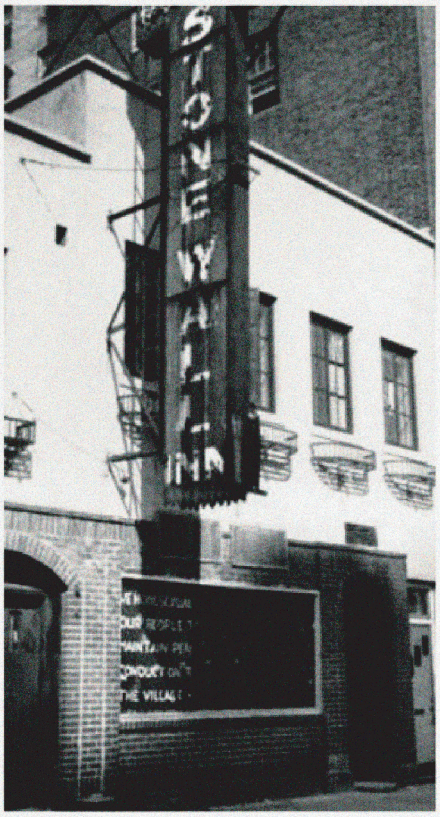
2.1. Temática central e campo minoritário escolhido.

Este projeto, por conseguinte, tem como propósito a abordagem dessa temática, tendo como seu pilar fundamental o livro previamente mencionado, concebido por Maurice Sendak em 1963, intitulado “Onde Vivem os Monstros”. O objetivo principal é a elaboração de um livro infantil que explore assuntos de natureza minoritária, como os previamente discutidos, almejando, ao mesmo tempo, atrair a atenção de crianças situadas em uma faixa etária que abrange de um a treze anos; dando a ela a liberdade de absorver referências e se sentir parte da midiática que consome.

A concepção subjacente a este projeto contempla a criação de uma coletânea de obras literárias que abordarão a temática proposta, com cada obra representando uma adaptação única, enfocando diferentes temas e grupos sociais. No entanto, é relevante ressaltar que, na atual abordagem, está prevista a produção de apenas um volume, o qual centrará sua narrativa na comunidade LGBTQIA+.

2.1.1. A revolta de Stonewall

Analisando por um olhar mais global, apesar das iniciativas anteriores nesse sentido, a Revolta de Stonewall é amplamente reconhecida como o marco mais emblemático das lutas pelos direitos LGBTQIA+. Naquele ano, frequentadores do bar Stonewall Inn, localizado em Nova York, decidiram se insurgir contra a opressão policial que frequentemente atingia a clientela do estabelecimento. O bar não era um paraíso, mas representava um refúgio possível para muitas pessoas “Era um lugar seguro para nós”, afirmou Mark Segal, que frequentava o local naquela época, em uma entrevista ao The New York Times. “Ao entrar no Stonewall, as pessoas podiam caminhar de mãos dadas, trocar carinhos e o, que é mais significativo, tinham a liberdade de dançar.”



Fachada do bar Stonewall Inn em 1969 **(Foto: Diana Davies/ New York Public Library/ Wikimedia Commons)**

Antes, viver em guetos era considerado uma forma de proteção; no entanto, após os eventos de 28 de junho de 1969, tornou-se evidente que a visibilidade passou a ser uma das estratégias mais eficazes de defesa. Diferentemente de ocasiões anteriores, quando as ações policiais ocorriam mais cedo, aproveitando um período de menor aglomeração no

bar, naquele dia, os policiais chegaram durante um horário de grande movimento, contrariando um acordo estabelecido com a máfia local. De acordo com relatos dos frequentadores, a polícia entrou no estabelecimento ameaçando prender os funcionários por servirem bebidas ilegais e detendo diversos clientes sob alegação de vestimentas “inapropriadas”. O público, inclusive aqueles do lado de fora do bar, reagiu de maneira violenta, provocando os policiais e lançando objetos ao alcance das mãos.

“Ador, a raiva, a frustração, a humilhação, a constante insistência, a constante agitação que causaram em nossas vidas: agora era a hora de se livrar disso tudo”, disse o frequentador Martin Boyce ao The New York Times. “Não precisava machucar um policial, não precisava machucar ninguém, só precisava gritar.” Foram seis dias de resistência, e ninguém sabe o número de feridos durante o ato.

2.1.2. Movimentos que abordam a temática escolhida.

Como exemplo de uma narrativa essencial que merece ser compartilhada, destacamos a história do movimento em prol dos direitos LGBTQIA+ no Brasil. Este movimento surgiu como um ato de resistência durante a ditadura militar, caracterizada pela repressão e ideais conservadores. Foi especialmente no final da década de 1970 que começaram a surgir movimentos identitários que estabeleceram novas agendas públicas, incluindo o movimento homossexual. Uma das principais demandas desse novo cenário político era a busca por visibilidade, entendida como um elemento fundamental na luta pela conquista da cidadania. Os ativistas passaram a argumentar que os direitos políticos, sociais e civis só seriam plenamente reconhecidos socialmente quando acompanhados do direito à comunicação. Em nossa sociedade, onde a disseminação de informações ocorre principalmente por meio das mídias, o direito à comunicação assumiu um papel crucial. Esse se manifesta gradualmente até alcançar os parâmetros que conhecemos na liberdade de expressão, garantindo assim direitos civis, políticos e sociais.

Hodiernamente, diversas organizações dedicadas ao apoio e empoderamento da comunidade LGBTQIA+ estão atuando em diferentes regiões do Brasil. A Casa

1, localizada no coração de São Paulo, desempenha um papel fundamental ao fornecer abrigo e suporte a pessoas expulsas de suas casas devido à orientação sexual ou identidade de gênero. Além disso, a organização expandiu suas atividades para incluir o Galpão Casa 1, um centro cultural que promove uma variada gama de atividades culturais e educativas, enriquecendo a vida cultural da cidade. A Clínica Social Casa 1 complementa esse trabalho, oferecendo tratamentos psicoterapêuticos e serviços médicos, contribuindo significativamente para o bem-estar da comunidade LGBTQIA+.

A EternamenteSOU, por sua vez, concentra seus esforços em atender às necessidades da comunidade LGBTQIA+ com mais de 60 anos, oferecendo serviços psicoterapêuticos em várias cidades. Seus projetos são multidisciplinares e envolvem voluntários das áreas de psicologia, assistência social, medicina e advocacia, visando proporcionar uma “velhice digna e ativa” para esse público.

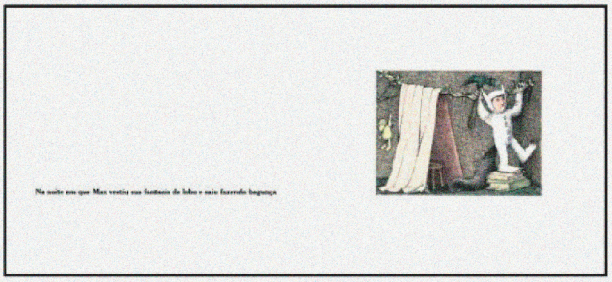
A TODXS é outra organização notável que se dedica à promoção da inclusão da comunidade LGBTQIA+ em várias esferas da sociedade. Seus projetos abrangem desde a formação de lideranças até a criação de aplicativos educativos e centros de apoio em casos de preconceito ou violência. Cada uma dessas organizações desempenha um papel vital na promoção dos direitos, bem-estar e inclusão da comunidade LGBTQIA+ em diferentes partes do país, abordando de forma abrangente e comprometida questões essenciais relacionadas à diversidade e à igualdade.

2.2. Para o projeto de design editorial

Abordando o livro escrito por Maurice Sendak e escolhido como pilar do projeto, é importante salientar que, na narrativa escrita em 1963, encontramos o jovem Max, trajando uma fantasia de lobo, comportando-se de maneira extremamente insolente, resultando em ser repreendido e enviado para seu quarto sem a refeição. Nesse momento, Max é transportado para um mundo imaginário, uma floresta, onde embarca em uma pequena embarcação que o leva a uma ilha habitada por criaturas monstruosas. Na ilha, Max experimenta a liberdade completa, livre de quaisquer regras ou restrições. No entanto, com o tempo, o sentimento de nostalgia por sua casa começa a dominá-lo,

levando-o a questionar suas escolhas. Esta é uma obra que aborda de maneira magistral os temas da infância e a eterna batalha entre a liberdade desejada pelas crianças e a autoridade dos pais, tornando-se uma leitura fundamental na biblioteca de qualquer leitor.

A obra demonstra de maneira dinâmica a interação entre ilustração e tipografia. No início da história, tipografia e ilustração estão divididas desigualmente (onde a imagem parece ter menos impacto na história) [Figura 5], conforme o personagem inicia a transgressão e embarca em uma jornada com desenhos dos monstros, as páginas gradualmente se transformam pelas via arte visual, chegando o texto a um papel quase secundário. Essa transição culmina com a completa ausência de texto no meio da narrativa [Figura 6], ilustrando os momentos reais em que se opõe a medida que o protagonista retorna ao seu quarto no desfecho da história, a ilustração e todo texto como imagem possuem peso igual. Essa variação permite que o livro acompanhe visualmente a expansão e o coroar da imaginação de Max ao longo da narrativa. Essa abordagem é um magnífico indicativo de atribuir importância à infância e aos meios visuais de leitura.



Pagina dupla retirada do início do livro "Onde vivem os monstros" de Maurice Sendak - Editora: Cosac & Naify; 2ª edição (1 setembro 2014)



Pagina dupla retirada do meio do livro "Onde vivem os monstros" de Maurice Sendak - Editora: Cosac & Naify; 2ª edição (1 setembro 2014)

Gradualmente, as criaturas concebidas por Sendak conquistaram o coração de crianças e adultos em todo o globo, conquistando prestigiados prêmios, como o Astrid Lindgren e o Hans Christian Andersen. O auge de sua notoriedade ocorre atualmente com a adaptação cinematográfica realizada por Spike Jonze, que, naturalmente, introduz várias alterações na trama, mas consegue preservar fielmente a essência do livro. O filme constitui uma jornada emocional que aprofunda questões relevantes, tais como a experiência da infância, a solidão, a busca por um sentido de pertencimento e a compreensão das

complexidades das interações humanas. Spike Jonze demonstra notável habilidade em capturar a essência do livro de Maurice Sendak, mantendo intacta a sensibilidade e a riqueza imagética que estabeleceram essa narrativa como uma joia venerada por gerações.

“Onde Vivem os Monstros” se revela uma obra cinematográfica que consegue encantar tanto o público infantil quanto o adulto, ao abordar comoventemente temas universais. A trilha sonora, magistralmente composta por Karen O, integrante da banda Yeah Yeah Yeahs, desempenha um papel significativo na construção da atmosfera singular do filme. Em resumo, esta adaptação para o cinema não apenas presta uma justa homenagem à obra-prima literária de Maurice Sendak, mas também enriquece e expande sua narrativa de maneira notável.



3. ANÁLISE

3.1 Análise de similares.

3.1.1 My shadow is pink (Minha sombra é cor de rosa)

Com o passar do tempo, é observável a maneira pela qual tópicos considerados “tabus” têm sido abordados de forma lúdica e orgânica em obras mais contemporâneas. Um exemplo notório é “My Shadow is PINK!” (2021), um livro de Scott Stuart. Este conto infantil não apenas aborda temas como identidade de gênero, autoaceitação, igualdade e diversidade, mas também destaca os méritos de uma educação positiva. As ilustrações e a diagramação do livro se conjugam harmoniosamente para conferir vitalidade e ênfase à leitura, enriquecendo-a com uma sensação de fluidez e dinamismo. O uso criterioso de negrito, aliado à adoção de tipografia distinta, representa artifícios de design destinados a realçar as palavras-chave em cada página. A tipografia primária utilizada na narrativa é de estilo serifado, promovendo uma experiência de leitura confortável, embora também conferindo uma sensação de linearidade e rigidez; por sua vez, nas situações em que ocorre a alternância tipográfica, opta-se por uma família de estilo “Script”, que infunde um caráter mais informal e evoca o sentimento de liberdade que permeia a narrativa.

“My Shadow Is Pink” é uma história inspirada pelo próprio filho do autor, o personagem principal aprecia princesas, fadas e coisas “não destinadas a meninos”. Ele logo aprende (com o apoio de seu pai) que todos têm uma sombra que às vezes precisam esconder. Este é um livro importante para uma nova geração de crianças (e adultos também), que ensina que devemos aceitar o amor incondicional, respeito e parentalidade positiva.





Capa do livro “My shadow is PINK!” escrito e ilustrado por Scott Stuart

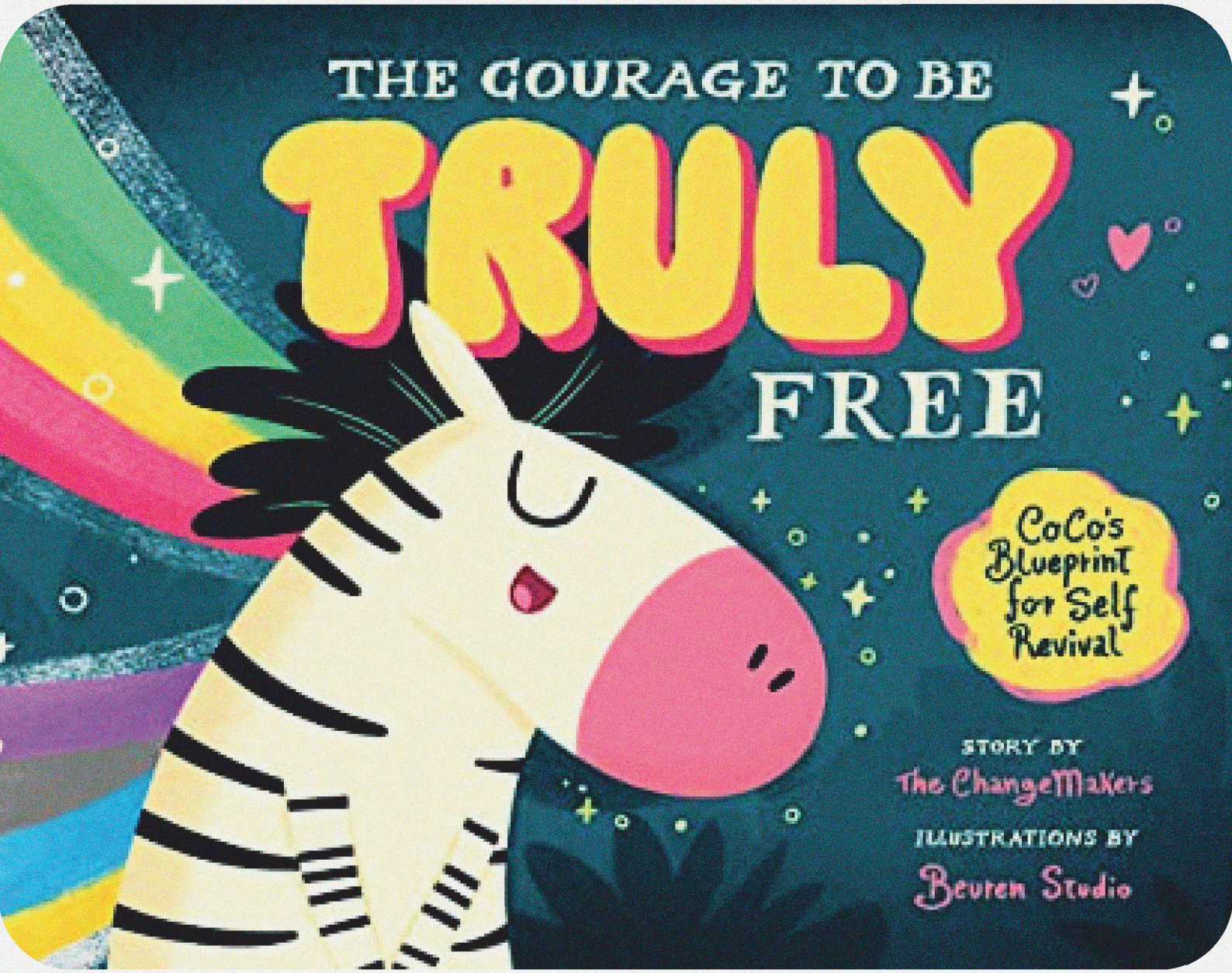
3.1.2 The courage to be truly free (A coragem para ser verdadeiramente livre)

O livro, escrito pelos “The ChangeMakers da Aliança da Juventude LGBTQ” e ilustrado pelos “Estúdios Beuren” em 2023, aborda o preconceito, a rejeição e a não aceitação social da diversidade. As ilustrações, sempre vibrantes e coloridas, buscam, de certa forma, retratar o instinto do personagem em buscar aquilo que lhe traz bem-estar, mesmo antes de ele reconhecer plenamente sua própria jornada. Em momentos de solidão do protagonista, opta-se por uma paleta de cores em tons de azul escuro e melancólicos, refletindo uma atmosfera de dúvida e tristeza que o acompanha nesses momentos de reflexão e autoconhecimento.

CoCo não se encaixava com os outros na escola. Então, eles se lançaram a aprender algumas lições novas e descobrir sua própria identidade ao longo do caminho. Desde que encontraram sua coragem, estão prontos para contar a todos no estado da Flórida, no país e no resto do mundo o quão maravilhoso é ser verdadeiramente livre.

Como um relato em primeira mão de um zebra solitário que viajou em busca de sua própria alegria,

“A Coragem de Ser Verdadeiramente Livre”, inspirado por um livro de Ron DeSantis com título semelhante, oferece algo urgente: uma história de aceitação. Este livro é um plano vencedor para jovens LGBTQ e aliados em todo o país, dando voz àqueles jovens que continuam sendo silenciados por projetos de lei como o projeto de lei “Não Diga Gay” da Flórida. É um grito de guerra para toda democracia que deseja impulsionar o crescimento.



Capa do livro “The Courage to be Truly free”, escrito por The ChangeMakers at The Alliance for LGBTQ Youth, e ilustrado por Beuren Studios.

3.2 Análise de referencial visual

Pensando em inspirações visuais, foi-se escolhido “Nimona” (2023), um filme produzido pela Netflix, representa um exemplo de mídia destinada ao público “infantil” que aborda assuntos pertinentes como sexualidade, aceitação e empatia. Esses temas

são tratados de forma consciente e não sensacionalista. Nessas obras, é visível a intenção de engajar o observador em uma conversa mais profunda, transmitindo não apenas entretenimento, mas também conhecimento, vivências, representatividade e identificação. O filme possui classificação etária de 12 anos e navega entre a sobriedade trazida em ambientes mais opacos [Figura 1] e a espontaneidade, muitas vezes envolta pela cor escolhida para representar a personagem em momentos de descontração [Figura 2].



Figura 1: Cena retirada da animação "nimona" (Longa dirigido por Troy Quane e Nick Bruno - disponibilizado por: Netflix.



Figura 2: Cena retirada da animação "nimona" (Longa dirigido por Troy Quane e Nick Bruno - disponibilizado por: Netflix

Nesse contexto, torna-se cada vez mais imperativo abordar temáticas relevantes na contemporaneidade e preparar as gerações mais jovens de modo a se sentirem representadas e interligadas com os produtos midiáticos que consomem. Um acontecimento recente que exemplifica esse imperativo é a incursão de obras audiovisuais no ano de 2023, a exemplo da adaptação live-action de “A Pequena Sereia”. Este projeto não apenas traz para o cenário cinematográfico um renovado enfoque na representatividade, mas também assinala a ascensão de uma segunda princesa negra dos estúdios Disney

que recebe destaque em uma produção cinematográfica de larga escala, cativando incontáveis meninas negras que se conectaram com a personagem. No âmago da execução desse empreendimento reside a entrelaçada missão de educar, entreter e fomentar o diálogo, aspectos que devem convergir harmoniosamente. Nesse ínterim, há a premente necessidade de considerar a forma lúdica por meio da qual tais informações são apresentadas ao público-alvo.

Dentre as produções audiovisuais que abordam os temas almejados neste projeto, destaca-se “Steven Universo”, criado por Rebecca Sugar e lançado em 2013. Tanto a sua expressão artística quanto o seu conceito são elementos cuidadosamente considerados no exame da trajetória que o projeto visa seguir. Outra consideração abordada pela animação disponibilizada pela Cartoon Network reside na intenção de retratar a Terra com todas as suas imperfeições e características aleatórias [Figura 3], conferindo-lhe uma conotação positiva. Além disso, nos cenários relacionados ao Planeta Natal das “Gems” (Nome utilizado para representar as guerreiras nascidas de pedras preciosas), busca-se deliberadamente criar uma atmosfera de perfeição que, paradoxalmente, evoca um sentimento de desconforto [Figura 4].

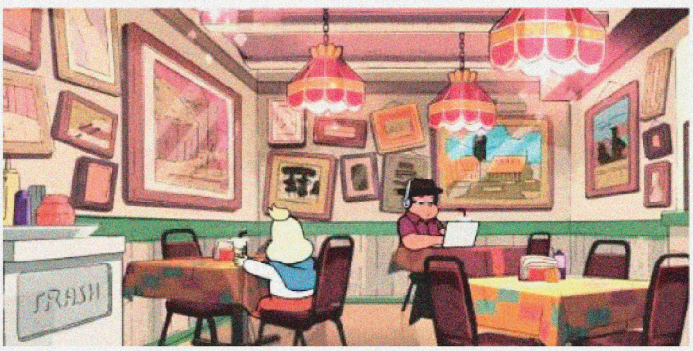


Figura 3: Cena retirada da animação “Steven Universo” série animada disponibilizada pela Cartoon Network e criada por Rebecca Sugar - Episódio: O leão mágico de Steven.

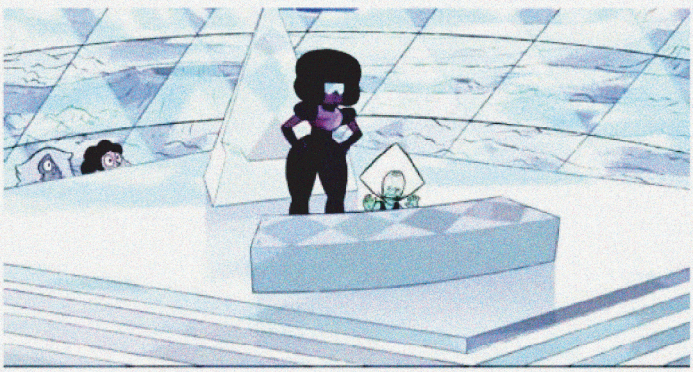


Figura 4: Cena retirada da animação “Steven Universo” série animada disponibilizada pela Cartoon Network e criada por Rebecca Sugar - Episódio: Poderia ter sido ótimo.

Como referências pertinentes, merecem destaque os relançamentos de obras mais antigas, a exemplo de “She-Ra: A Princesa do Poder” (1985), que recebeu uma nova roupagem em 2018 pela Netflix. Nesses casos, é possível observar de forma notável como personagens e temáticas são abordados de maneira substancialmente diferenciada nas duas versões,

evidenciando a evolução e adaptação de narrativas para refletir valores e sensibilidades contemporâneas. Outra obra que merece destaque é “Mundo Estranho” (2022), que conquistou atenção notável. Esse projeto alcançou um feito significativo ao apresentar o primeiro protagonista adolescente gay em um filme da Disney, sinalizando uma notável mudança e avanço na representatividade no campo das produções voltadas para o público jovem. Esses exemplos denotam a importância da abordagem sensível e inclusiva de questões sociais nos meios de comunicação audiovisual, contribuindo para uma sociedade mais plural e acolhedora.

4. PÚBLICO ALVO

Faz-se então importante o conhecimento sobre a leitura no Brasil, e se ela é algo que chama a atenção de crianças até treze anos. Para isso, é possível analisar a quinta edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”. Uma conduzida pelo Instituto Pró-Livro em colaboração com entidades de destaque como a Abrelivros, a CBL (Câmara Brasileira do Livro) e o SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros), onde oferece um olhar aprofundado sobre o cenário de leitura no país. Os resultados do levantamento referentes ao ano de 2019 revelam que crianças entre cinco e dez anos são as mais engajadas em práticas de leitura, ressaltando ainda que até os treze anos, o interesse pelo ato de ler é um fator determinante na decisão de se dedicar a essa atividade. Adicionalmente, essa faixa etária se destaca por demonstrar maior autonomia, na prática da leitura, sem depender de intervenções escolares, sendo os contos a categoria literária preferencial nesse contexto etário.

Indubitavelmente, juntamente ao ato de leitura utilizando-se de um livro físico, a emergência da biblioteca digital tem progressivamente se solidificado no atual panorama mundial. Como elucidado pela reportagem da Folha de São Paulo, a qual explora um estudo conduzido em colaboração entre a Consultoria Nielsen, a CBL e o SNEL; o ano de 2020 testemunhou um aumento de 83% nas aquisições de e-books em relação ao ano anterior, resultando em um salto de 4,6 milhões para 8,4 milhões de unidades vendidas. Tal fenômeno, que corrobora uma valorização acentuada do livro digital, assume particular relevância em um cenário moldado pela pós-pandemia.

No contexto da literatura dirigida ao público infantil, a editora intitulada ‘StoryMax’ tem se destacado por sua criação de livros-aplicativos, também conhecidos como appbooks, os quais representam obras digitais interativas desenvolvidas para dispositivos eletrônicos. Dentro desse conjunto de appbooks, merecem especial menção as adaptações de obras literárias clássicas, nas quais cada tela apresenta uma cuidadosa combinação de texto e ilustrações,

algumas das quais dotadas de animação, acompanhadas pela opção de audição da narração textual. Além disso, a editora também traz à luz o conceito do 'Inventeca', um aplicativo que visa a exibição das ilustrações de uma narrativa, visando estimular a interpretação por parte do usuário e incentivá-lo a recontar a história de acordo com sua própria perspectiva. Nesse processo, enquanto as ilustrações são exibidas na tela, é viabilizada a gravação da narração pelo próprio usuário (StoryMax, 2019).

Analisando a pesquisa conduzida pelo instituto "Pró-Livro", a seleção da faixa etária para o projeto apresenta uma conformidade notável com os achados dessa pesquisa. O livro a ser desenvolvido irá tangenciar a mesma classificação etária de sua obra matriz, "Onde Vivem os Monstros" de Maurice Sendak, dirigindo-se, assim, a crianças entre cinco e treze anos de idade. Essa abordagem visa abrir uma janela para ampliar a conscientização dessas crianças acerca dos conceitos de diversidade e igualdade. Adicionalmente, pretende-se mitigar a ocorrência de situações em que, frequentemente guiadas por influências sociais, crianças reproduzam comportamentos preconceituosos sem pleno entendimento da seriedade das suas ações.

Para compreender as distintas modalidades de bullying, é imprescindível destacar que esse fenômeno se manifesta em duas formas fundamentais: direta e indireta. Conforme delineado por Santos et al. (2014), o bullying de natureza direta se apresenta através de abordagens físicas, tais como agressões físicas, empurrões e chutes. Além disso, essa forma de bullying se manifesta de maneira verbal, por meio da imposição de apelidos humilhantes, ridicularizações e ameaças. A dimensão psicológica também se faz presente na modalidade direta, manifestando-se na marginalização da vítima e na restrição de sua participação em determinadas atividades sociais. Por outro lado, o bullying indireto, embora possa ter componentes físicos, assume um contexto diferente, incluindo a destruição de materiais de estudo ou o roubo de objetos. A manifestação verbal no âmbito do bullying indireto envolve críticas, a disseminação de boatos prejudiciais e difamação da vítima. Além disso, a agressão psicológica se faz presente por meio do desprezo e da ignorância deliberada em relação à

pessoa afetada.

Considerando a experiência dos indivíduos que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+, os quais frequentemente enfrentam atos discriminatórios, torna-se premente o desenvolvimento de conteúdo midiático que contribua para fortalecer seu senso de pertencimento e representatividade. Nesse contexto, é essencial que tal conteúdo promova desde a infância uma visão mais humanitária. Através dessa abordagem, não apenas é possível ampliar o entendimento sobre essas minorias, mas também disseminar princípios de respeito e empatia entre as gerações mais jovens. Isso se reveste de extrema importância, uma vez que, comportamentos preconceituosos são alimentados dissimuladamente por meio de brincadeiras infantis, enfatizando a necessidade premente de abordar essa temática de maneira ativa e inclusiva desde os primeiros anos de vida.

5. CONTEÚDO E MENSAGEM

5.1. Conceito

Para abordar o tema escolhido, foi realizada uma reunião de análise e estudo, durante a qual se deliberou a utilização de palavras-chave para orientar a criação e o desenvolvimento de um conceito que transmitisse a vivência das pessoas LGBTQIAP+ de maneira sutil e lúdica, porém significativa. Diversidade, representatividade, quebra de paradigmas, aceitação e dualidade emergiram como termos essenciais durante as discussões, proporcionando uma visão mais ampla de como a história poderia se desdobrar.

Também foi deliberado que seria de extrema valia incorporar elementos editoriais que 'empoderassem', utilizando imagens e tipografia estrategicamente selecionadas para transmitir o sentimento do personagem principal. Ambas foram cuidadosamente escolhidas de modo a refletir a essência do protagonista. Nesse sentido, optou-se por representar a dualidade através do encontro do personagem com sua mãe, onde tudo relacionado a ele é retratado com cores vivas, enquanto sua mãe é sempre representada em tons de preto e branco. Essa escolha estilística visa destacar visualmente a jornada emocional do protagonista, enfatizando sua busca por identidade e pertencimento.

As cores selecionadas também fazem referência à comunidade abordada no tema, sendo as mesmas presentes na bandeira pansexual (amarelo, azul e rosa). A escolha específica dessas cores foi motivada pela definição simplificada de uma pessoa pansexual, que é atraída e manifesta o desejo de se relacionar com outras pessoas, independentemente de seu gênero, expressão de gênero ou orientação sexual. Essa seleção cromática busca não apenas representar visualmente a comunidade LGBTQIAP+, mas também capturar a essência da pansexualidade, sendo a abertura e a aceitação da diversidade nas formas de amar e de atrair.

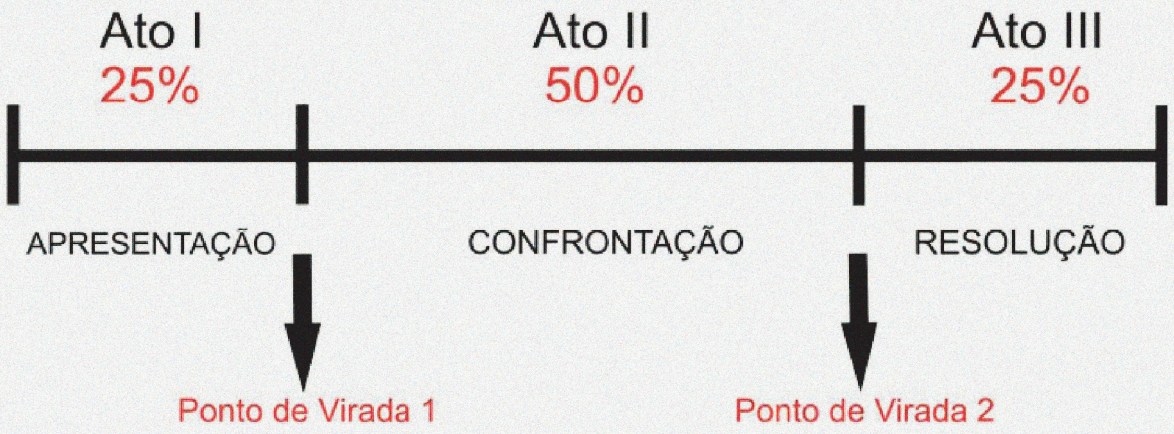
5.2. Reescrevendo a história

Decidimos seguir a estrutura de Syd Field, conforme descrita em seu livro “O Manual do Roteiro” (1979). Esta obra tornou-se uma referência clássica no campo do roteiro cinematográfico e influenciou muitos escritores e cineastas ao longo das décadas. Syd Field é amplamente reconhecido por suas contribuições para a teoria e prática do roteiro. De acordo com o livro (p. 12), uma narrativa constitui-se como um todo coeso, composto por elementos interligados, tais como atos, personagens, cenários, sequências, atos, incidentes, episódios, eventos, trilha sonora, localizações, entre outros. Esses elementos são fundamentais para a configuração da narrativa em sua completude. A estrutura, por sua vez, desempenha o papel de sustentáculo, mantendo os elementos narrativos em sua devida ordem e inter-relação. Trata-se, portanto, do paradigma da estrutura dramática, onde a relação harmoniosa entre tais elementos confere unidade e coesão ao roteiro como um todo.

Primeiro Ato (Ato I): Este ato inicial estabelece o cenário, apresenta os personagens principais e estabelece o conflito central da narrativa. Geralmente, o Primeiro Ato termina com um ponto de virada significativo, que lança os personagens em direção ao cerne do conflito e define o curso da história.

Segundo Ato (Ato II): O Segundo Ato é caracterizado pelo desenvolvimento do conflito central. Aqui, os personagens enfrentam desafios crescentes e passam por uma série de reviravoltas enquanto buscam resolver o problema apresentado no Primeiro Ato. Este é geralmente o ato mais longo da história e frequentemente culmina em um ponto de virada importante, conhecido como o “clímax”, onde o conflito atinge seu ponto mais alto.

Terceiro Ato (Ato III): O Terceiro Ato é a conclusão da história, onde o conflito é resolvido e as pontas soltas são amarradas. Aqui, os personagens enfrentam o clímax e lidam com as consequências de suas ações. O Terceiro Ato culmina no desfecho, que pode incluir uma resolução satisfatória do conflito ou deixar espaço para interpretação, dependendo do estilo e da intenção do roteirista.



Pode-se afirmar que a estrutura empregada por Maurice Sendak alinha-se harmoniosamente com os princípios delineados por Syd Field, conforme anteriormente apresentados. Assim sendo, é viável manter a integridade da narrativa original, seguindo congruentemente o pensamento autoral estabelecido. Essa abordagem permite uma continuidade fluida da linha narrativa, preservando a essência e a coerência da obra, enquanto se beneficia da estruturação narrativa sólida e reconhecida no campo do roteiro cinematográfico.

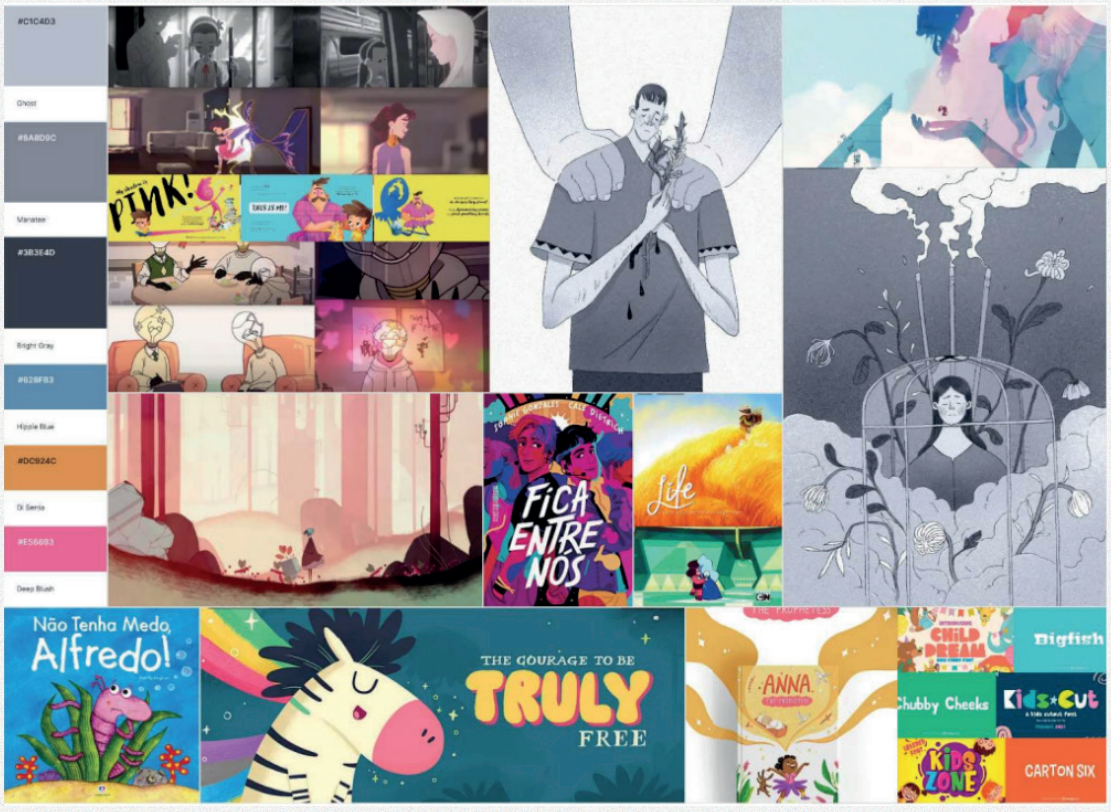
A decisão de manter essa estrutura derivou da ausência do desejo de se distanciar do material original, almejando, em vez disso, estabelecer um paralelo visual e narrativo contínuo. A atualização reside na abordagem das fases da escrita, introduzindo sutis modificações nos eventos narrativos, porém sem comprometer a essência subjacente. Em pontos específicos que conduzem ao clímax da imagem, foram realizadas alterações deliberadas a fim de alcançar um desfecho distinto, enfatizando ainda mais o vínculo familiar entre o protagonista e sua mãe. Estas modificações foram estrategicamente implementadas para aprofundar o contato emocional entre os personagens principais, enriquecendo assim a experiência narrativa e reforçando os laços afetivos centrais à trama.

5.3 Moodboard

A parte superior do moodboard tem como propósito ilustrar a dualidade em sua aplicação, especialmente voltada à temática central do projeto. Ele delineia a

maneira pela qual as emoções, as sutilezas e os momentos moldam de maneira visível tanto os personagens quanto os cenários, exemplificando o equilíbrio de sentimentos e a harmonização na transição entre estes estados emocionais. Ao compreender a vivência de uma pessoa queer, torna-se evidente que a coexistência de sentimentos conflitantes é muitas vezes inevitável. Elementos como liberdade e restrição, normatividade e desvio, bem como as imposições sociais, todos esses aspectos estão intrinsecamente relacionados ao mundo emocional. Esta compreensão é de extrema relevância na concepção de um projeto que aborda temas tão delicados. O painel visual em questão atua como uma bússola, oferecendo uma orientação visual sobre como é possível abordar essa alternância de experiências de forma sensível e reflexiva.

Ao conceber a parte inferior da junção de imagens, dedicou-se especial atenção ao desenvolvimento do projeto de forma holística. Desde estilos visuais até tipografias, passando por ideias de capa, cada elemento foi meticulosamente selecionado com o propósito de contemplar uma adaptação visual coesa e impactante. Este processo deliberado visou não apenas harmonizar os diversos elementos visuais, mas também garantir uma integração sinérgica entre eles, resultando em uma apresentação visual que comunicasse efetivamente a essência e o



propósito do projeto em questão.

5.4 Estilo de ilustração

O estilo da ilustração foi concebido tendo em mente a animação “Steven Universo”, criada por Rebecca Sugar e lançada em 2013, juntamente com o vídeo musical “No Lullaby” do artista Siamés. A decisão de mesclar ambos os estilos decorreu da notável semelhança entre eles e da capacidade de comunicação intrínseca. No vídeo “No Lullaby”, disponível no YouTube, observa-se uma animação fluida com balões pontiagudos que representam o imaginário do personagem. Foi usada essa mecânica, juntamente com algumas ideias apresentadas na obra dirigida e animada por RUDO Co., especialmente nos momentos em que a imaginação do personagem se manifesta de forma explícita, serviram de inspiração. Por sua vez, a animação “Steven Universo”, veiculada pelo Cartoon Network e referida no mesmo contexto, corresponde ao uso de cores decididas e à representação da silhueta do personagem. A fusão desses elementos contribui para criar uma estética única que complementa e enriquece a narrativa visualmente.

Inicialmente concebido com um personagem de traços marcadamente masculinos, essa abordagem foi abandonada ao longo do processo de desenvolvimento artístico e conceitual. Em seu lugar, optou-se por uma representação visual mais fluida e diversificada em termos de gênero, buscando criar uma mistura harmoniosa de características comumente encontradas em ilustrações de desenhos animados.

6. EXPERIMENTAÇÃO

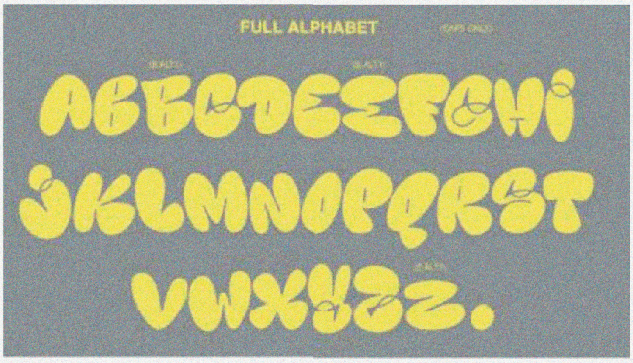
6.1. Tipografia

A tipografia escolhida, “FAFO SANS”, foi selecionada visando preservar a essência do livro infantil. Desenvolvida pelo designer Fafo Ferrão e disponibilizada gratuitamente em suas plataformas digitais, essa fonte apresenta uma característica sem serifa que, aliada à sua legibilidade e fluidez, não sobrecarrega os olhos do leitor durante a leitura rápida. Sua estética divertida e agradável contribui para tornar a experiência de leitura mais cativante e acessível tanto para o adulto mediador quanto para a criança. Ao mesmo tempo, a “FAFO SANS” mantém um equilíbrio entre ser atraente e intuitiva, garantindo que a mensagem do livro seja transmitida de forma eficaz e envolvente.

Durante o curso do desenvolvimento das páginas, surgiu a necessidade de incorporar uma nova tipografia para contrastar com a anteriormente selecionada “Fafo Sans”. Optou-se por empregar a fonte Kelsi de Misha Vlasov, conhecida por seu estilo Graffiti Bubble, frequentemente observado em murais urbanos. Este recurso tipográfico, disponibilizado de forma gratuita, oferece variantes preenchidas e delineadas, conferindo maior versatilidade em sua aplicação. Assim, esta fonte específica foi eleita para representar os momentos em que a mudança se faz necessária, visando a expressão de uma nova identidade e realçando o



FAFO SANS, família tipográfica desenvolvida pelo designer Fafo Ferrão..

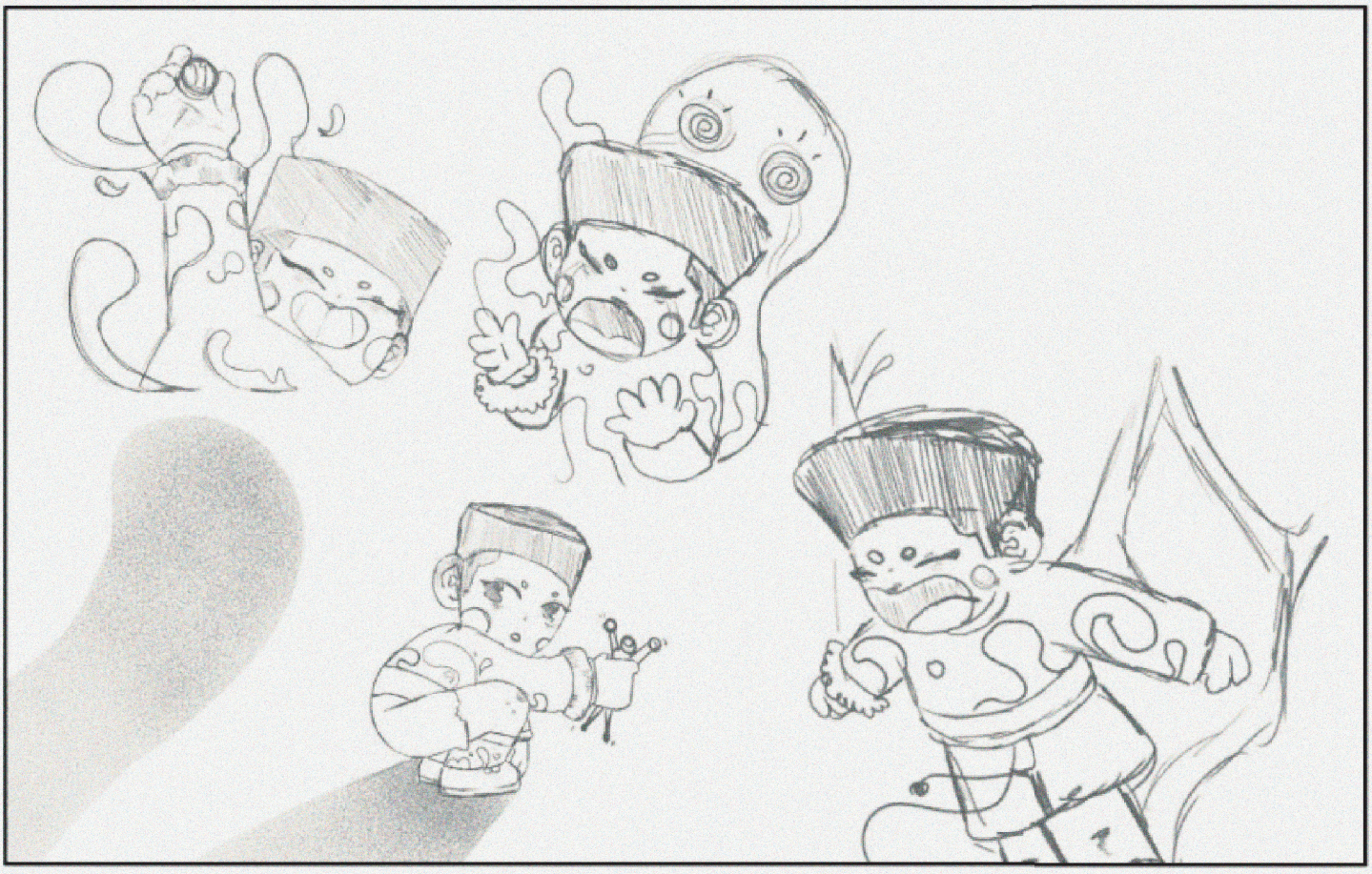


Kelsi, família tipográfica desenvolvida pela designer Misha Vlasov.

aspecto criativo subjacente.

6.2. Idealização das Ilustrações por ato

As ilustrações iniciaram com a concepção do personagem, originalmente apresentando uma aparência mais “masculina” e trajando roupas ligeiramente mais ornamentadas, de maneira a assemelhar-se a figuras fantasmagóricas. Além disso, foi considerado o conceito de que esses fantasmas emergiriam das sombras do protagonista. Conforme os estudos prosseguiam, a decisão foi tomada de conferir ao personagem uma aparência ligeiramente mais andrógina. Isso se refletiu na alteração do estilo do cabelo, no aumento do detalhamento dos olhos e na definição mais marcante dos traços faciais, como as pálpebras e os lábios. A partir desse ponto, deu-se início ao desenvolvimento das ilustrações que seriam efetivamente utilizadas para adornar as páginas, assegurando uma comunicação mais precisa e complementar à linguagem escrita.



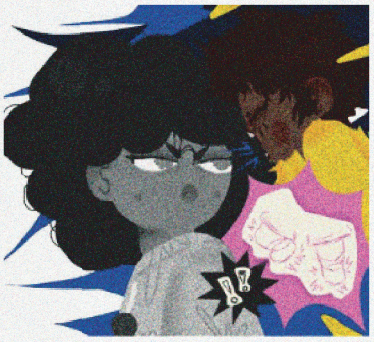
Experimentação inicial do personagem principal da obra.

6.2.1. Primeiro ato

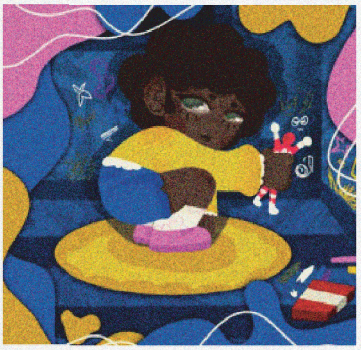
A primeira ilustração introduz Caio como um indivíduo jovial e despreocupado, vestindo suas roupas coloridas em preparação para um momento de diversão. Por meio de balões de pensamento expressivos, sua imaginação é retratada vagando livremente, delineando pontos que serão revisitados mais adiante na narrativa. Este recurso narrativo não apenas revela a profundidade da imaginação de Caio, mas também sinaliza temas e elementos que serão desenvolvidos ao longo da história, contribuindo para a coesão e o impacto geral da obra.



Logo em seguida foi concebida para encapsular um momento de conflito significativo. Aqui é onde se é apresentado os dois planos principais da história. Enquanto no livro original o protagonista, Max, é enviado para o seu quarto sem jantar devido à sua conduta travessa, nesta reinterpretação do projeto, o personagem Caio é relegado ao mesmo destino por um motivo diferente e mais simbólico. Ele é banido para o quarto por sua mãe, não por causar tumulto, mas por destoar dos padrões estéticos e vestimentares da família, ao ser o único a optar por cores vibrantes em contraposição ao vestuário sóbrio dos demais. A mãe, desejando que ele adote uma imagem mais alinhada com a sua própria, expressa seu desejo de que ele escolha roupas mais convencionais. Diante dessa imposição, o protagonista resiste e demonstra seu protesto obstinadamente, recusando-se a ceder, mas acabando o fazendo. Aqui o Mundo sem cor se choca com a imaginação de Caio, onde o "preto e branco" domina o cenário.



Depois, Caio encontra-se no seu quarto quando, inesperadamente, os fantasmas emergem, transcendo as fronteiras do quadro que delimita a ilustração. O choque expressado em seu rosto é crucial, ao revelar sua total surpresa diante dessa inusitada visita. Essa reação inicial e incrédula é fundamental para transmitir ao leitor a intensidade do momento e o impacto da entrada dos fantasmas em sua realidade cotidiana.



6.2.2. Segundo Ato

O protagonista fica maravilhado ao perceber a presença de vários fantasmas em seu quarto. A representação de seus olhos visa capturar o aspecto lúdico do personagem, evidenciando sua admiração pelas cores vibrantes dos fantasmas. O fato de não mostrar explicitamente o rosto do protagonista sugere que ele agora se identifica e se integra ao grupo dos que ali adentram. Essa escolha visual enfatiza a sensação de pertencimento e conexão que o protagonista experimenta ao compartilhar esse momento com os fantasmas.



O ponto de virada se materializa no momento em que os fantasmas transformam tudo em uma grande diversão. Dançando e encantando-se, eles procuram alegrar o protagonista, que se encontrava entristecido em seu quarto. Isso evidencia a necessidade de buscar um lugar mais amplo, além dos limites de seu próprio quarto.



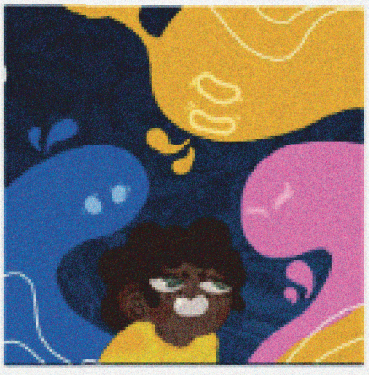
Neste ponto, emergem os meios que levam o protagonista a se deslocar até o local onde residem os fantasmas. Em meio às cores, surge uma nave espacial especialmente concebida para ele. Essa representação contrasta com o barco presente na obra original. A nave simboliza a necessidade de permitir que a imaginação domine e voe para um lugar onde o protagonista possa encontrar liberdade.



E então, o protagonista adentra um reino onde as cores ganham vida e a imaginação se desdobra em toda a sua plenitude. A disposição de Caio no centro do cenário, rodeado pelos fantasmas, direciona inicialmente o foco para ele, antes de se voltar para as criaturas circundantes. Os rostos dos fantasmas variam em grau de humanização, delineando uma clara distinção entre o mundo tangível e o imaginário. Neste contexto, Caio é coroado como o soberano do reino, uma coroa simples que, ao longo da narrativa, irá trocar de cor e ser mutável, como o menino.



Neste primeiro plano, a coroa é destacada como elemento central, marcando um ponto crucial na narrativa. É neste momento que a arte começa a expandir-se, ocupando quase a totalidade da página e fluindo para a página anterior, em uma transição fluida e impactante. Esta composição visual não apenas enfatiza a importância simbólica da coroa, mas também intensifica a imersão do leitor na experiência artística, criando uma sensação de



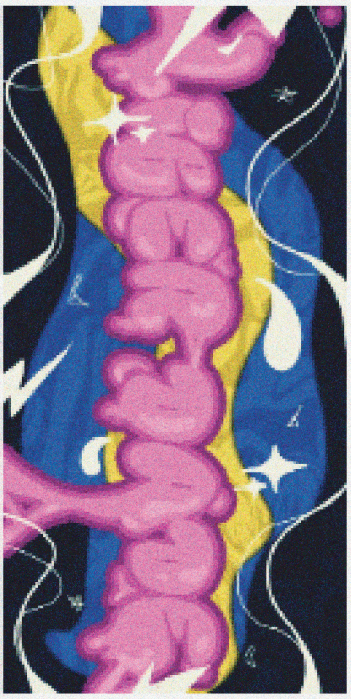
continuidade e movimento que transcende os limites convencionais da página.

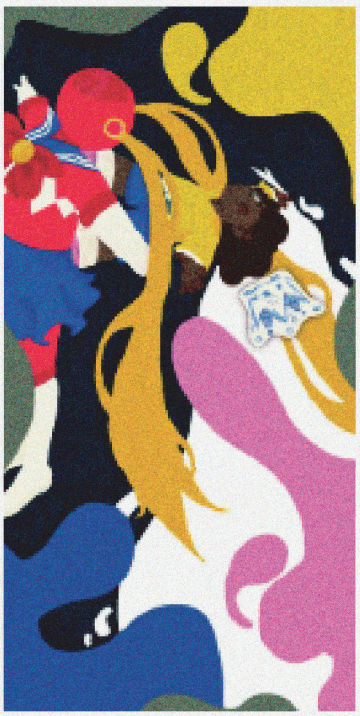
E na página seguinte, a abordagem é puramente tipográfica, porém meticulosamente elaborada à mão, alterando a segunda fonte para maior personalidade. Este recurso visual destaca o momento em que a imaginação do personagem atinge seu ápice, assumindo o controle absoluto sobre sua experiência.

A segunda dupla de páginas, totalmente ilustradas, concebida para o projeto foi elaborada com o intuito de enfatizar a rica imaginação do protagonista, enquanto simultaneamente apresenta um ambiente saturado por uma profusão de cores. Nesta representação, o personagem principal é retratado em um ato simbólico de “rasgar” a página, revelando uma camada subterrânea de cores que subjaz aquilo que anteriormente fora exposto ao público. Este gesto evoca a ideia de que há uma realidade mais profunda e vibrante que aguarda ser revelada. Adicionalmente, na composição da cena, o boneco, anteriormente apenas uma figura imaginativa, agora adota uma nova aparência e se junta ao protagonista em sua jornada, simbolizando a integração da fantasia com a realidade.

Na terceira dupla de páginas, a continuidade do conceito anterior é mantida, com uma evolução que visa explorar uma nova perspectiva da versão “branca” do mundo do protagonista. Neste cenário, ocorre uma transformação significativa, na qual a parte anteriormente associada à seriedade adquire uma nova dimensão, tornando-se agora uma fonte de diversão e prazer genuíno para o personagem. É neste contexto que ele começa a desfrutar verdadeiramente de sua jornada, encontrando uma harmonia entre as diferentes partes de si mesmo. Aquilo que outrora representava distância e separação agora se revela como uma parte integrante e essencial de sua identidade, personificada por um amigo ou um dos seus “fantasmas”, que agora se torna um companheiro de aventuras e diversão.







6.2.3. Terceiro Ato

Neste momento da narrativa, o protagonista se encontra imerso em reflexões profundas sobre o mundo colorido que o envolve, enquanto anseia,

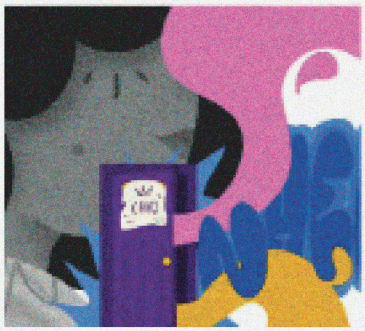
junto aos fantasmas, por uma oportunidade de compartilhar essa experiência com sua mãe. Ele deseja que ela compreenda o motivo pelo qual as cores o preenchem de felicidade. Essa expressão de desejo compartilhado revela não apenas a intensidade do vínculo emocional entre o protagonista e sua mãe, mas também a importância de ser compreendido e aceito por aqueles que ama. Este momento ressalta a necessidade de comunicação e empatia dentro das relações familiares, enquanto o protagonista busca encontrar um lugar para sua singularidade dentro do contexto familiar.

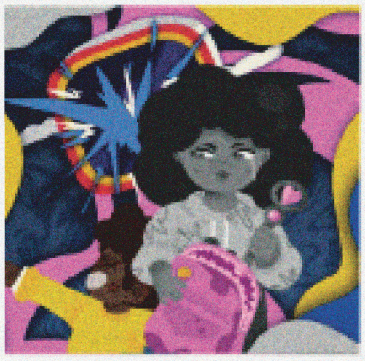
Mesmo imerso no mundo mágico que se desdobrava ao seu redor, Caio permaneceu confinado em seu quarto, uma barreira física que simbolizava sua relutância em se aventurar para além de seus limites familiares. Enquanto expressava seus anseios por aceitação materna, ele não percebeu que sua mãe estava escutando suas palavras do outro lado da porta, sendo tocada pela sinceridade de seus sentimentos. Nesse momento delicado, a representação visual da mãe, com apenas a parte inferior do rosto visível, permite sugerir sua presença sem revelar totalmente suas emoções, enquanto as cores emanando pela porta simbolizam a energia e a vivacidade do mundo interior de Caio, que busca desesperadamente por conexão e compreensão. Esta cena evoca uma sensação de ternura e vulnerabilidade, destacando a importância da comunicação e da empatia dentro do contexto familiar.

Nesta página, a mãe se junta com Caio, segurando sua mochila, que é a única coisa que ele possui e que ainda retém cores, guardando consigo as lembranças e objetos preciosos. A cena é apresentada de forma integrada, com a nave, os fantasmas, Caio e sua mãe compartilhando o mesmo espaço visual. Essa composição simboliza a união e interdependência entre os personagens, bem como a convergência de suas jornadas individuais em um momento crucial da narrativa. A presença conjunta dos elementos destaca a importância do apoio mútuo e da conexão emocional na superação de desafios e na busca pela aceitação e compreensão mútuas.









6.3. Formato para o livro e grid

O conceito inicial para o livro foi estabelecido com o

título “Onde Vivem os Fantasmas de Caio?”. Optou-se por uma abordagem linear e mais simplificada, mantendo em mente a acessibilidade do público-alvo. O formato proposto consiste em um caderno com sobrecapa, com dimensões de 200mmx200mm, visando oferecer uma experiência de leitura confortável e prática. Esta escolha de formato busca garantir que o livro seja facilmente manuseável e transportável, facilitando o acesso e a apreciação da história por uma ampla gama de leitores.

O grid, fundamentalmente, tem como propósito principal auxiliar na organização, distribuição, alinhamento e dimensionamento de elementos como imagens, textos e formas em uma composição visual. Em essência, ele estrutura todas as informações dentro do layout de uma peça de comunicação, fornecendo ao designer os recursos necessários para manter a harmonia visual. No projeto em questão, optou-se por empregar um grid modular de 6mmx6mm, com margens de 0. Este grid foi concebido para delimitar as áreas de texto antes das páginas duplas. O objetivo era manter uma medida uniforme e centralizada, refletindo a representação inicial da mãe.

6.4. Concepção da capa

As respectivas primeira e quarta capas adotaram a convenção estilística do volume original, empregando vazios em branco nas extremidades superior e inferior, enquanto focalizam as ilustrações



7. VERIFICAÇÃO

no centro do espaço designado.

7.1. Briefing de pesquisa.

Para iniciar a pesquisa, elaborou-se uma concepção prospectiva destinada a identificar aspectos relevantes e necessidades fundamentais para a continuidade do projeto. Para isso foram desenvolvidos alguns tópicos essenciais.

Qual o objetivo da pesquisa?
O propósito subjacente à condução desta pesquisa reside na busca por uma compreensão prática e profunda da adequação do artefato desenvolvido às expectativas e necessidades do público-alvo delineado. Portanto, por meio da análise das respostas obtidas, é possível considerar ajustes pertinentes, visando aprimorar o produto em questão.

Qual o público alvo da pesquisa?
O público-alvo desta pesquisa foi criteriosamente selecionado com base na estreita relação com o tema central do estudo, concentrando-se em indivíduos que possuam experiência e atuação no campo da pedagogia.

O que deve ser entendido pela pesquisa?
Esta pesquisa pretende avaliar se o material apresentado possui uma comunicação eficaz e é compreensível para crianças com idades entre 5 e 13 anos, além de verificar se o conceito da história e suas mensagens são adequadamente transmitidos.

- Na sua visão, o texto e a forma que ele foi colocado é legível e interage bem com o todo?
- Sobre as imagens, a disposição complementa a parte escrita?
- Qual é o tema que reconheceu na história apresentada?
- Qual sua observação, como professora, do modo como isso foi feito. É necessária alguma alteração que corrobore com a melhor leitura do conteúdo?
-

7.4. Documentação e comunicação de resultados

PARTICIPANTES:	Com base em sua experiência e no material analisado, dê sua opinião sobre o livro apresentado.	Na sua visão, como esse livro acrescentaria para o aprendizado de crianças entre 5 e 13 anos?	Sobre a escrita, você considera ela adequada e compreensível para crianças de 5 a 13 anos? Descreva seu ponto por favor.	Na sua visão, o texto e a forma que ele foi colocado é legível e interage bem com o todo?	Sobre as imagens, a disposição complementa a parte escrita?	Qual é o tema que reconheceu na história apresentada?	Qual sua observação, como professora, do modo como isso foi feito. É necessária alguma alteração que corrobore com a melhor leitura do conteúdo?	OBSERVAÇÕES GERAIS:
Participante A	Apresenta um conteúdo pertinente a atual realidade. Onde o adulto não entende que os monstro de hoje não é mais o bicho papão. E que eles não somem quando o dia clareia.	Passa pra elas a segurança de expor seus anseios e lutar contra as críticas ao seus hábitos, estilos e personalidade. Fazendo ele vê que ser diferente não muda suas perspectiva e muito menos seu caráter.	Acredito que uma criança de 5 anos não vai fazer a mesma interpretação que um adolescente de 13 anos. Mas a linguagem vai fazer a imaginação dele fruir, amadurecer e prepará- Los para uma vida com menos preconceito. Tornando - o em um cidadão com caráter definido sobre qualquer tipo de preconceito.	Sim	Sim	O tema principal reconhecida no livro é a indiferença da mãe com relação aos sentimentos do filho. Não aceitando as suas diferenças. Fechando os olhos para a realidade que estava bem a sua frente.	Achei que foi apresentado de forma lúdica respeitando a linguagem.	
Participante B	Criativo	As falas pequenas e sequenciais facilitam a compreensão do que é lido.	Sim	Sim	Sim	Liberdade de expressão	Não é necessário	
Participante C	Achei muito interessante.	As crianças irão se divertir e identificar com história.	As letras vazadas muito juntas achei que irá confundir as crianças que nesse período estão em processo de alfabetização.	As letras desenhadas deveriam ser substituídas	Sim	Fantasmas	A questão da letra.	
Participante D	Como releitura, o livro apresentado foi criteriosamente desenvolvido e	Este livro, pelo seu conteúdo e ilustração, pode ajudar a despertar na criança o	Para os menores, ainda em processo de alfabetização: eles irão ouvir a leitura de um adulto, e para os já alfabetizados	Sim	Sim	Autonomia / Respeito as diferenças	Como uma releitura, nada a alterar ou a acrescentar.	

7.5. Análise de dados

- Apresenta um conteúdo pertinente à atual realidade. Onde o adulto não entende que os monstros de hoje não é mais o bicho papão. E que eles não somem quando o dia clareia.
- Como releitura, o livro apresentado foi criteriosamente desenvolvido e elaborado.
- As falas pequenas e sequenciais facilitam a compreensão do que é lido.
- Este livro, pelo seu conteúdo e ilustração, pode ajudar a despertar na criança o prazer e o encantamento pela leitura, contribuindo assim para o aprendizado.

7.5.1. Sobre o Valor do livro para o aprendizado de crianças de 5 a 13 anos.

7.2. Definição de objetivos.

Como foi dito, essa pesquisa pretende avaliar se o material apresentado possui uma comunicação eficaz e compreensível para crianças com idades entre 5 e 13 anos, além de verificar se o conceito da história e suas mensagens são adequadamente transmitidos. Foi-se escolhido como meio de distribuição da pesquisa uma ferramenta de formulários online, garantindo que todas as pessoas envolvidas pudessem ter acesso e um tempo maior para que respondesse às perguntas desejadas.

A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa, por sua vez, não se restringe à mensuração por meio de números e dados obtidos, por exemplo, por meio de questionários. Sua abordagem se concentra em compreender aspectos subjetivos, como comportamentos, ideias, e perspectivas. A escolha dessa metodologia se fundamenta na necessidade de uma análise mais profunda e detalhada sobre o tema em estudo, visando compreender as percepções e opiniões das pessoas de maneira mais abrangente.

A escolha do público alvo foi feita indiretamente. O documento, juntamente com um link para o questionário e um áudio de direcionamento para explicação do projeto. Mesmo a pesquisa sendo anônima para as respostas, todos os participantes foram devidamente comunicados, explicados e direcionados com exímio.

7.3. Planejamento da pesquisa.

Um roteiro de pesquisa meticulosamente elaborado foi concebido, caracterizado por sua estruturação sólida e adaptabilidade, visando alcançar os resultados almejados. Este roteiro inclui uma cuidadosa seleção das perguntas pertinentes. Importa salientar que a pesquisa está sujeita a um prazo determinado de uma semana para obtenção de respostas, com a contagem de tempo iniciando-se imediatamente após o envio.

- Com base em sua experiência e no material analisado, dê sua opinião sobre o livro apresentado.
- Na sua visão, como esse livro acrescentaria para o aprendizado de crianças entre 5 e 13 anos?
- Sobre a escrita, você considera ela adequada e compreensível para crianças de 5 a 13 anos? Descreva seu ponto por favor.

- 3 das 4 participantes consideraram a escrita compreensível e favorável para crianças de 5 a 13 anos.
- 1 das participantes alegou que uma opção de fonte utilizada dificultaria a compreensão na leitura caso ficassem muito juntas.

7.5.2. Sobre a legibilidade do texto

- 3 das 4 participantes consideraram o texto legível.
- 1 das participantes considerou a necessidade de uma maior atenção para a fonte utilizada.

7.5.3. Sobre o tema

- 3 das pessoas analisadas identificaram temas semelhantes, e correlacionam com a ideia original.
- 1 dos participantes identificou um tema diferente.

7.5.4. Sobre as imagens

- Todos os participantes alegaram uma boa distribuição entre imagem e texto. Cravando a ideia de que não era necessário uma alteração.

7.6. Próximos passos:

Após uma análise das respostas obtidas nesta pesquisa, identificou-se um ponto crucial para aprimorar o projeto do livro, cuja alteração se mostrou não apenas pertinente, mas necessária. Observou-se que a fonte utilizada, em determinados trechos, apresentava uma proximidade excessiva entre os caracteres, o que poderia dificultar a leitura, especialmente para crianças mais jovens. Consequentemente, um atendimento mais criterioso foi direcionado às caixas de texto, visando mitigar essa barreira em potencial. Como resultado desse empenho, foi possível conceber uma estrutura mais espaçada, sem prejuízo à legibilidade, proporcionando uma experiência de leitura mais fluida e acessível, especialmente para o público infantil.

8. LIVRO PRONTO

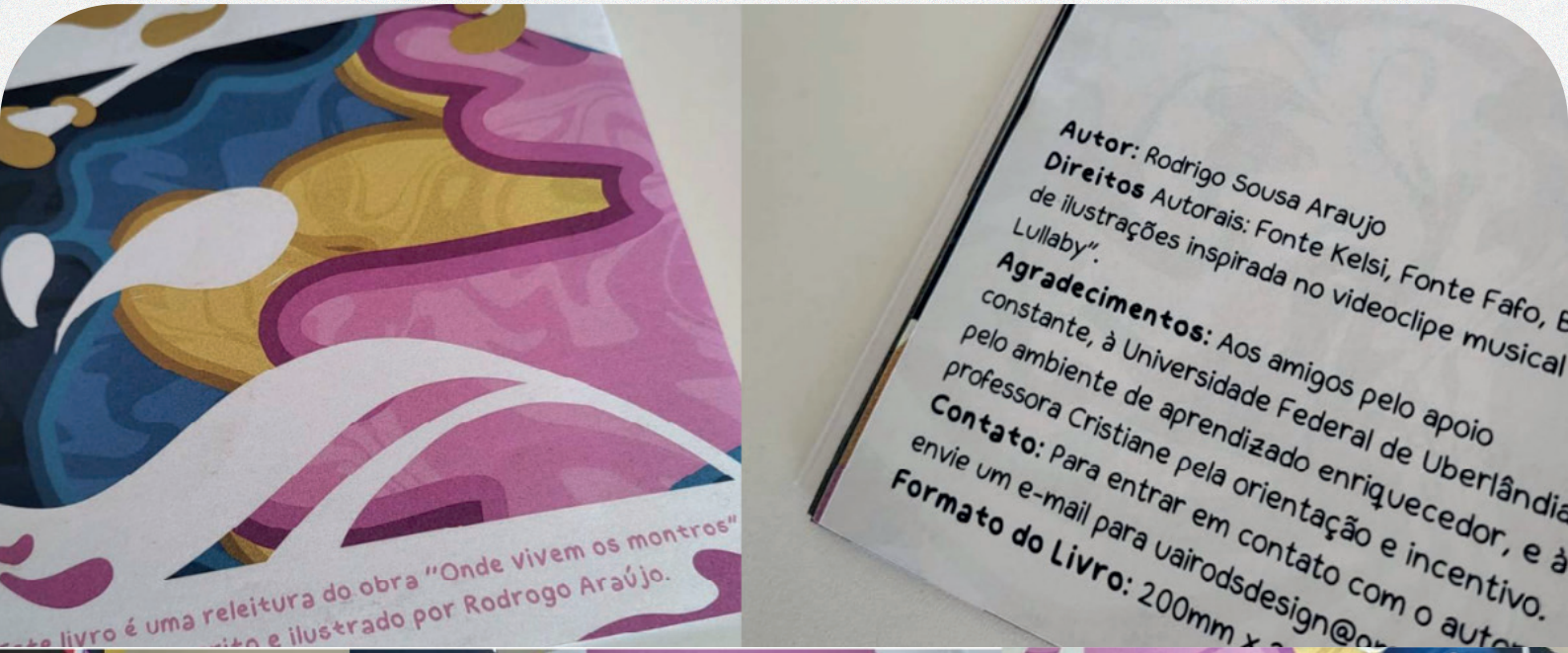
O livro pronto foi impressos no formato estrutura proposto, 200x200, em papel sulfite 75 g/m² para miolo e capa sulfite gramatura 180 g/m². Entendemos que, para a produção seriada do livro, seria proposto o offset 90 g/m² para miolo e o supremo 350 g/m².. Seguem as fotos do mock-up feito.

8.1. link de mock-up digital:

https://online.fliphtml5.com/jebmd/rlua/

Clique ou arraste para virar as páginas.

8.2. Fotos do Mock-up físico.







3. CONSIDERAÇÕES INFORMAIS

Olá,
gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que dedicaram seu tempo à leitura deste caderno de pesquisa. É com grande satisfação que testemunho o interesse de vocês em acompanhar os passos que conduziram este projeto até sua conclusão. Permitam-me, neste momento, a liberdade de conduzir uma conversa mais informal, na qual possamos discutir de maneira mais íntima o processo de criação que permeou esta jornada.

Tudo teve início em 2019, quando iniciei meus estudos na Universidade Federal de Uberlândia. Desde então, nutria um interesse latente em aprofundar meus conhecimentos no campo do design editorial. Essa inclinação derivava não apenas do meu apreço por esse ramo, mas também do fascínio que a interseção entre design e escrita exercia sobre mim.

Foi através do contato com a professora Cristiane Alcantara que tomei conhecimento do GEL, uma oportunidade que ansiava explorar desde os primeiros relatos a respeito. Contudo, após o surgimento da pandemia, diversos obstáculos surgiram em meu caminho, comprometendo minha capacidade de dedicar-me integralmente ao projeto. Essa situação acabou por me desmotivar e afastar-me, em certa medida, do universo do design editorial.

Somente em 2023, diante do crescente debate em torno da representatividade em diversas esferas de consumo, senti-me compelida a reavaliar meu enfoque no design editorial. Decidi, então, modificar por completo a ideia que nutria para meu Trabalho de Conclusão de Curso, direcionando-me para algo que genuinamente me apaixonava. Inicialmente, tudo parecia se encaixar de forma harmoniosa, até que os primeiros desafios surgiram.

A dificuldade inicial, a delicadeza na abordagem e as dúvidas sobre como contar uma história para crianças sem a presença de uma fonética lúdica e rimas foram apenas algumas das questões que me assolaram. A preocupação em correlacionar imagens

e texto de modo a evitar uma mera replicação do padrão estabelecido também se fez presente. Conforme podem perceber, esses desafios provocaram alguns momentos de ansiedade.

Somente quando consegui desvincular-me dessas inquietações é que pude, verdadeiramente, prosseguir com o projeto de forma efetiva. Entretanto, o adiamento do semestre para um semestre subsequente trouxe consigo uma gama de novas preocupações, até que compreendi que tal impedimento certamente aceitável. Assim, após desistir de prosseguir o andamento e postergar temporariamente meus dois amores — a escrita e o design — tenho agora o privilégio de apresentar-lhes um projeto que me proporcionou imensa satisfação em sua concepção e idealização.

Espero que tenham apreciado a história de Caio tanto quanto eu.

Atenciosamente,
Rodrigo Araújo.

10. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Dondis, D. A. (1997). A Sintaxe da Linguagem Visual. Martins Fontes.

Katzenstein, L. (1986). A Dança do Significado: Ensaios sobre a Linguagem e a Cultura. Editora Perspectiva.

Lins, M. (2003). A História da Arte no Ensino Fundamental: da Pré-História ao Renascimento. Edições SM.

Tahan, Malba. A Arte de Ler e Contar Histórias. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1961.

Ariès, Philippe. (1981). The Hour of Our Death. New York: Vintage Books.

Piaget, Jean. (1976). A Equilibração das Estruturas Cognitivas: problema central do desenvolvimento. Editora LTC.

Coelho, Nelly Novaes. (1991). O Leitor Incomum: Práticas de Leitura. Editora Ática.

Bettelheim, Bruno. (1976). Psicanálise dos Contos de Fadas. Editora Paz e Terra.

Souza, Solange Ribeiro de, & Serafim, Áurea Maria Ignez. (2012). Leitura e Mediação Pedagógica. Petrópolis: Editora Vozes.

Lins, M. (2003). A História da Arte no Ensino Fundamental: da Pré-História ao Renascimento. Editora SM.

Linden, F. (2011). A Imagem do Livro Infantil: conversas entre texto e imagem. Editora UFMG.

NIKOLAJEV A, Maria e SCOTT, Carole. Livro ilustrado: palavras e imagens (São Paulo, Cosac Naify, 2011)

Haslam, A. (2007). The Book and the Designer. London: Laurence King Publishing.